Dia 21 — Santo Anselmo, Arcebispo de Cantuária ou Canterbury

Foi Santo Anselmo um dos mais ilustres e mais santos prelados de seu século e nasceu em Aosta, cidade do Piemonte, no ano de 1033. Era filho do conde Gondulfo e de Ermemberga, uns e outros das mais nobres famílias da Lombardia e do Piemonte; e, como reinavam em sua casa o esplendor e a abundância, foi criado Anselmo com delicadeza e cuidado. Ermemberga, sua mãe, senhora mais distinguida ainda por sua piedade que por sua nobreza, conhecendo as inclinações e máximas mundanas de Gondulfo, encarregou-se sozinha da educação de seu filho. A poucos dias pôde dar-se os parabéns por sua determinação. Não houve menino mais dócil; e, se a agudeza e a vivacidade de seu engenho o fizeram admirar quase desde o berço, seu candor e seu belo natural lhe conquistaram os corações de todos. Os progressos que fez no estudo das letras humanas corresponderam aos que cada dia ia fazendo na virtude. Desde logo se lhe descobriu uma devoção tão terna à santíssima Virgem que ninguém duvidou de que seria com o tempo um dos servos mais amados e mais favorecidos desta Senhora.

Como as lições e os exemplos da virtuosa mãe só inspiravam ao menino Anselmo o amor à virtude e o desejo de sua salvação, desgostou-se logo das grandezas e dos oropéis do mundo. Sendo de idade de quinze anos, determinou-se a abraçar o estado religioso; mas, por não desgostar sua família, não o quiseram receber. Entristeceu-se tanto com esta repulsa que lhe custou uma enfermidade; mas não lhe durou muito o fervor.

Entibiou-se logo que recobrou a saúde, e não contribuiu pouco para apagá-lo de todo a morte da condessa, sua mãe. O pouco caso que o conde fazia dele, sua vida não muito cristã e sua pouca inclinação à virtude deixaram ao jovem Anselmo tanta liberdade que logo passou a ser dissolução; ainda que esta não durou muito tempo. Deus serviu-se da aversão que seu pai concebeu contra ele para voltá-lo ao bom caminho. Não houve submissão nem rendimento que Anselmo não praticasse para desenojar seu pai irritado, de quem havia sido o ídolo até então; mas de nada serviu senão para encarniçar mais aquele coração irreconciliavelmente enfurecido. Não quis Gondulfo ver mais seu filho; e Anselmo tomou a resolução de ausentar-se, parecendo-lhe que isto poderia contribuir para temperar o enojo de seu pai: retirou-se à França, onde passou três anos sem saber a que determinar-se.

Esta mesma indecisão despertou nele seu antigo amor aos livros; e, chegando a sua notícia a fama de Lanfranco, que também havia passado à França desde a Lombardia, resolveu passar à abadia de Bec, na Normandia, onde se achava prior aquele insigne homem. Na escola de tão hábil como

santo mestre aprendeu a filosofia e a teologia, em cujas faculdades fez tão vantajosos progressos que eles mesmos acenderam mais sua ardente paixão pelo estudo. Considerando um dia a penosa vida que levava só por fazer-se sábio, envergonhou-se do pouco que trabalhava para fazer-se santo; e esta reflexão voltou a acender nele os antigos desejos de abraçar o estado religioso. Abraçou-o finalmente, sendo de idade de 27 anos, na mesma abadia de Bec, recebendo o hábito das mãos de Herluíno, que era seu abade e havia sido seu fundador. Foram tão extraordinários e tão rápidos os progressos que fez na perfeição religiosa que, havendo sido eleito abade de Santo Estêvão de Caen o célebre Lanfranco, foi Anselmo sucessor seu no priorado de Bec três anos depois de seu noviciado.

Os monges mais antigos daquela abadia, não obstante sua virtude, não puderam dissimular o ressentimentozinho que esta preferência lhes causava; mas a pouco tempo soube Anselmo acalmar os ânimos, ganhando os corações com sua doçura, com sua humildade e com sua invencível paciência. Parecia que só o haviam feito superior para ser mais oficioso e para prevenir até as mais miúdas necessidades dos monges. Sua caridade não tinha limites; mas menos parece que os tinha sua mortificação. Jejuava todos os dias e macerava seu corpo sem piedade. O estudo e a oração o ocupavam quase todo o tempo que lhe deixavam livre as obrigações do ofício. Não contente com orar, ensinava os outros a ter oração. Tudo quanto se via nele era instrução e ensino: o porte, a modéstia, as conversações, até o mesmo silêncio, tudo inspirava amor à virtude. Com estas mudas lições do jovem prior refloresceu logo a disciplina regular no mosteiro; só seus exemplos despertaram o primitivo fervor.

Mas o que sobretudo fez célebre em toda a Europa a abadia de Bec foi a aplicação e a graça que tinha Anselmo para educar a juventude. Seus modos gratos, doces, cortesãos, com uma prudente indulgência acompanhada de uma afetuosa e suave severidade, indo em tudo adiante com o exemplo, eram os eficacíssimos meios de que se valia para aplainar todas as dificuldades. Escrevendo-lhe um abade demasiadamente rígido que se queixava da pouca docilidade de seus súditos, o santo lhe respondeu: «Como queres que reine em tua casa a paz e a observância, se não acertas a alimentar teus filhos senão com fel e amargura?» A outro monge jovem dizia em certa ocasião: «Queres ser feliz na vida religiosa? Pois esquece-te do mundo e alegra-te muito de que o mundo se esqueça de ti. O maior tirano do monge, acrescentava, é a própria vontade, porque só serve para turbar sua quietude e para fazê-lo padecer cada dia novos tormentos. O claustro é o verdadeiro paraíso terrenal para aquele que pode dizer: Não vivo eu, mas Cristo em mim.»

Não houve em seu tempo homem mais estimado nem que mais merecesse sê-lo. Concorriam de todas as partes sujeitos da primeira qualidade a pôr-se debaixo de seu governo; e sua virtude, não só eminente, mas aprazível e até culta, converteu a abadia de Bec num seminário de santos.

Já não permitia a Herluíno sua avançada idade atender aos negócios do mosteiro; e assim encarregou todo o peso do governo à prudência de seu santo prior. Mas esta multidão de ocupações não lhe serviu de estorvo para enriquecer o público com excelentes obras, quais foram os livros da verdade da existência de Deus, de sua essência e atributos; da queda dos anjos; e do livre-arbítrio. Suas cartas e seus tratados sobre a oração estão cheios de uma doutrina tão espiritual e de uma moção tão requintada que mostram bem não haver sido nosso santo menos eminente nos sublimes segredos da teologia mística que nos pontos mais profundos da teologia

escolástica.

Morto o venerável abade Herluíno, tiveram pouco que deliberar os monges na eleição do sucessor. Foi inútil a suma tenacidade com que se resistiu Anselmo; viu-se obrigado a render-se a uma eleição que foi aplaudida de todos. Mas a nova dignidade só serviu para que brilhasse desde mais alto sua virtude, crescendo seu fervor ao passo dos anos. Tão humilde, tão mortificado e tão exato era quando abade como o havia sido quando noviço. Não se observou a menor alteração em sua doçura, em sua modéstia e em sua aprazibilidade, de maneira que só se conhecia que era superior porque era o primeiro em todos os exercícios mais humildes e mais penosos da observância regular.

Obrigado a passar à Inglaterra por alguns negócios da abadia, cresceu com sua presença o elevado conceito que já se tinha naquele reino de seu mérito e de sua virtude. Todos os grandes, e até o mesmo rei Guilherme I, chamado o Conquistador, o veneravam como santo e o ouviam como oráculo. Não o venerou menos que seu pai o rei Guilherme II; mas aproveitou-se pouco de seus conselhos. Havia cinco anos que estava vacante a sé de Cantuária por morte do célebre Lanfranco; e, deixando o rei aquilo que julgava ser bastante para manter-se os monges e os clérigos, havia incorporado em seu domínio todas as demais rendas da dita igreja. Fez-se surdo aquele monarca assim às ameaças do pontífice como às justas queixas e representações dos bons, sem dar ouvidos senão a sua paixão, até que a pesada mão do Senhor se agravou sobre ele, enviando-lhe uma perigosa enfermidade. Estremeceu-o o medo do juízo de Deus, e pareceu-lhe que o melhor meio de reparar os males que havia feito à Igreja era nomear Anselmo por arcebispo de Cantuária. Não pôde ser mais aplaudida a eleição do rei; mas tampouco pôde ser maior a resistência de Anselmo. Levaram-no como arrastando até o quarto do rei, proclamando-o arcebispo; mas nem as lágrimas de todo o clero, nem os rogos dos prelados, nem as ordens do rei puderam vencer sua resistência. Foi preciso acudir a motivos de consciência e de religião. Cedeu à obediência; mas as copiosas lágrimas que derramou na cerimônia de sua consagração, que se celebrou no dia 4 de dezembro do ano de 1093, acreditaram bem quanto lhe custava aquele violento sacrifício.

Apenas recobrou o rei a saúde, arrependeu-se de sua eleição. Fez-lhe o novo arcebispo representações cheias de respeito, mas que não foram de seu agrado. A religiosa constância do prelado em reconhecer Urbano II por legítimo pontífice, seu valor em defender os bens dos pobres e os direitos da Igreja e sua branda, mas generosa tenacidade em corrigir os abusos e em reformar os costumes encarniçaram contra ele o coração daquele príncipe. Passou nosso santo a avistar-se com ele e não poupou meio algum para conciliar-se sua benevolência; mas desde logo conheceu os muitos trabalhos que o ameaçavam. Nem por isso se acovardou; antes se animou mais seu ardente e generoso zelo. Restituído a sua igreja, aplicou-se inteiramente à reforma dos costumes e ao alívio dos pobres. Produziram todo o seu efeito assim as crescidas esmolas que fez como os grandes exemplos que deu, acreditando que nada pode resistir ao zelo e à virtude de um bispo santo.

Noticioso Anselmo de quão irritado estava contra ele o ânimo do rei, julgou que sua ausência poderia conduzir para temperá-lo. Passou à corte e pediu licença àquele monarca para ir receber o pálio das mãos do papa Urbano II. Tão logo ouviu isto o rei, acendeu-se em cólera, declarando desde logo que, durante o cisma, não queria que se reconhecesse na Inglaterra outro papa senão o

que ele mesmo reconhecesse. Conformou-se covardemente com o rei a junta do clero convocada em Rockingham, na qual presidia nosso Anselmo. Mas este tomou a seu cargo, descobertamente e com o maior empenho, a defesa do papa Urbano. Representou que havia aceitado o arcebispado com a precisa condição de reconhecê-lo; mas não foi ouvido, porque a adulação, a política e o interesse abraçaram o partido do antipapa; o rei e os prelados declararam-se pelo cisma e, depois de encher de injúrias Anselmo, protestaram não reconhecê-lo já por primaz.

Não é fácil explicar quanto padeceu o santo arcebispo. O cortesão que mais o insultava, esse fazia melhor a corte ao rei, alegando por mérito o insulto. Tiraram-lhe os criados que eram de sua maior confiança; desterraram seus melhores amigos; estudaram todos os modos e arbítrios de desazoná-lo; mas a ânsia que tinha de ser humilhado e de padecer o preservou até da menor impaciência. Embargaram-lhe suas rendas, perseguiram-no, desprezaram-no, maltrataram-no; mas tão invencível foi seu heroico sofrimento como sua fé acrisolada. Enfim, reconciliado o rei com o papa Urbano, depois de haver-se separado do cisma, não deixou pedra por mover para interessar o pontífice em seu favor e fazer que depusesse Anselmo; mas só conseguiu que o papa o estimasse mais, enviando-lhe o pálio e declarando-se protetor e defensor seu em todas as ocasiões.

Não podia durar muito tempo a paz entre a avareza do rei, que queria absolutamente absorver todas as rendas da igreja de Cantuária, e a delicada consciência do santo, que não podia permiti-lo. Julgou este que devia prevenir a tempestade e retirou-se à França com ânimo de passar a Roma. As fadigas da viagem, unidas a suas excessivas penitências, detiveram-no em Lião, desde onde escreveu ao papa representando-lhe a repugnância com que havia aceitado o arcebispado e suplicando-lhe que se servisse exonerá-lo dele, sem obrigá-lo a passar os Alpes; mas Sua Santidade, longe de dar ouvidos a suas instâncias, ordenou-lhe que se chegasse a Roma, onde o recebeu com a maior ternura e com toda a distinção que merecia um dos mais sábios e mais santos prelados da Igreja. Mandou que lhe pusessem quarto em seu mesmo palácio de Latrão, e com a presença de Anselmo cresceu o grande conceito que já tinha de sua virtude. Instruído o papa de quanto havia padecido por defender os direitos de sua Igreja, admirou sua paciência e muito mais a moderação com que se queixava do rei; mas, fazendo-se-lhe mais insuportáveis as honras com que o distinguiam em Roma que os maus-tratos que havia recebido na Inglaterra, suplicou a Sua Santidade que lhe desse licença para retirar-se a Teleso, cidade do reino de Nápoles, à abadia de São Salvador, cujo abade havia sido discípulo seu na de Bec.

No retiro da solidão renovou-se-lhe o desgosto com que olhava o bispado, e assim fez novas instâncias ao papa para que lhe permitisse renunciá-lo; mas foram tão sem fruto como as antecedentes. Estando naquele santo retiro, teve ordem de passar a Bari para assistir ao concílio que se celebrava naquela cidade. Deixou-se ver e ouvir com geral estima e falou com tanta energia e com tanta eloquência contra o erro dos gregos, provando com tanta solidez o dogma da Igreja sobre o modo com que o Espírito Santo procede do Pai e do Filho, que assim o papa como o concílio exclamaram que o mesmo Espírito Santo havia falado pela boca de Anselmo. Como foi tão elevado o conceito que formaram todos daquele homem verdadeiramente grande, quiseram os padres instruir-se a fundo dos motivos que havia para persegui-lo; conheceram toda a iniquidade e toda a malícia; e já estava o papa resolvido a fulminar excomunhão contra o rei da Inglaterra quando foram tantos os rogos e até as lágrimas de nosso santo que estorvou com elas que se passasse a este extremo.

Concluído o concílio, voltou a Roma em companhia do papa e assistiu a outro concílio que se celebrou naquela cidade, onde o ouviram com a mesma veneração que no de Bari. As extraordinárias honras que lhe tributavam na Itália obrigaram-no a buscar na França um asilo a sua humildade. Conseguiu finalmente licença para voltar a passar os Alpes; e Hugo, arcebispo de Lião, o recebeu com especial alegria. Mas não pôde deter-se muito naquele reino pela funesta morte do rei Guilherme, que sucedeu no ano de 1100; seu sucessor, Henrique I, chamou-o à Inglaterra, mas não o deixou viver mais em paz que seu predecessor. Suspendeu, por assim dizer, a nova perseguição o papa Pascoal II, sucessor de Urbano; e Anselmo aproveitou-se desta espécie de tréguas para dedicar-se à reformação dos costumes. Celebrou em Londres um concílio nacional em que restabeleceu a disciplina eclesiástica, restituindo-a a seu primitivo vigor; instruiu o povo com suas palavras e escritos, mas muito mais com seus exemplos. Havendo-se renovado entre o arcebispo e o rei a antiga diferença sobre as investiduras, viu-se obrigado a empreender segunda viagem a Roma, onde o papa Pascoal excedeu seu predecessor nas honras que fez a nosso santo. Informado o rei da geral aprovação que havia merecido a conduta de Anselmo naquela corte, proibiu-lhe que voltasse à Inglaterra; e, obedecendo o arcebispo, escolheu por lugar de seu desterro Lião da França, onde passou dezesseis meses dedicado inteiramente aos mais fervorosos exercícios de piedade.

Mas Adela, irmã do rei, que professava singular veneração a nosso santo, não pôde permitir que estivesse mais tempo em seu desterro. Toda a Inglaterra clamava por seu primaz, e a igreja de Cantuária por seu arcebispo e por seu apóstolo. Fê-lo a condessa passar à Normandia, onde o restituiu à graça do rei, o qual, depostas suas preocupações, reconheceu a virtude do arcebispo, que acreditava Deus cada dia com grandes milagres. Recebeu-o com respeito, abraçou-o com ternura e voltou a colocá-lo na pacífica posse de todos os seus direitos.

Não gozou Anselmo longo tempo desta tranquilidade; uma longa enfermidade o deteve na abadia de Bec, e não pôde restituir-se a sua igreja até o ano de 1107. Foi recebido nela com a pompa que inspira a todos os povos o respeito e a ternura que professam à santidade; e não esteve ocioso naquela calma, porque se aplicou o vigilante pastor a apascentar suas ovelhas com maiores desvelos e com maior zelo.

Causa verdadeiramente admiração como este grande santo, em meio de uma saúde tão débil e tão quebrantada com suas excessivas penitências, com tantas e tão molestas perseguições, com tantos trabalhos e fadigas, pôde encontrar tempo para enriquecer a Igreja de Deus com tão prodigioso número de obras excelentes, nas quais não se sabe que se deve admirar mais, se sua profunda erudição e sabedoria ou sua terna e fervorosa piedade. São poucos os doutores da Igreja que tenham tratado os dogmas mais elevados e as questões mais espinhosas e sutis com tanta precisão e solidez como este homem verdadeiramente grande. A ele deve a teologia escolástica seu método, e a mística ou ascética seus progressos.

Ainda que em todos os seus escritos se deixa reconhecer a ternura de sua devoção, em nenhum brilha mais nem se derrama com maior abundância que em suas meditações sobre a paixão de Cristo e sempre que trata das excelências da Virgem. A devoção à Mãe de Deus nasceu com ele e cresceu ao passo de seus anos. Foi um dos primeiros doutores da Igreja que falaram com maior ênfase e com maior energia de sua Imaculada Conceição. Não podia reprimir as lágrimas no altar

nem quando ouvia falar dos privilégios e do poder da santíssima Virgem.

Havia três anos que Anselmo governava em paz sua igreja de Cantuária, acabando de consumir as poucas forças que lhe restavam nas penosas tarefas de seu pastoral ministério, quando reconheceu que se aproximava seu fim. Redobrou visivelmente os ardentes esforços de seu fervor; e, como sua grande debilidade não lhe permitisse celebrar todos os dias o santo sacrifício da missa, fazia-se levar à igreja para assistir a ele. Finalmente, na quarta-feira santa do ano de 1109, que caiu em 21 de abril, estando estendido sobre a cinza, coberto com um áspero cilício, enquanto lhe liam a paixão do Senhor, rendeu em suas mãos docissimamente aquele bem-aventurado espírito, aos dezesseis anos de arcebispo e aos setenta e seis de sua vida.

Os muitos milagres que fez Santo Anselmo em vida e os que obrou Deus em seu sepulcro depois de morto o fizeram célebre e glorioso. Conservam-se suas relíquias em diversas igrejas, como em Colônia, Praga, Bolonha, Antuérpia, onde estão expostas à pública veneração. A Igreja o venera como um de seus ilustres doutores, e em seus escritos deixou eternos monumentos de seu engenho, de sua piedade e de sua sabedoria.

Martirológio Romano

Em Cantuária, na Inglaterra, Santo Anselmo, bispo, ilustre por sua santidade e doutrina.

Na Pérsia, o trânsito de São Simeão, bispo de Selêucia e de Ctesifonte, o qual, havendo sido preso por ordem de Sapor, rei da Pérsia, foi levado carregado de cadeias diante dos iníquos tribunais e, como não quisesse adorar o sol, antes desse testemunho de Jesus Cristo com grande liberdade e inteireza, foi encerrado numa estreita prisão, onde habitou largo tempo com outros cem cristãos, entre os quais se contavam bispos, presbíteros e clérigos de diferentes ordens. Ustazanes, pai nutrício do rei, que havia apostatado da fé e depois fez penitência de seu pecado, exortado por São Simeão, sofreu com grande esforço o martírio; no dia seguinte, que era Sexta-feira Santa, todos os companheiros deste santo bispo foram degolados em sua presença, exortando ele cada um em particular: por último, cortaram-lhe a cabeça. Com ele foram martirizados Abdecalas e Ananias, presbíteros seus e varões esclarecidos. Pusício, superintendente dos artífices do rei, por haver animado Ananias, que parecia vacilar, tendo-lhe furado a garganta e arrancado a língua pela ferida, expirou neste cruel suplício; depois martirizaram sua filha, que era uma virgem consagrada a Deus.

Em Alexandria, os santos mártires Arátor, presbítero, Fortunato, Félix, Silvino e Vital, que morreram no cárcere.

No mesmo dia, os santos Apolo, Isacio e Crotates, martirizados no tempo de Diocleciano.

Em Antioquia, Santo Anastácio, o Sinaíta, bispo.

Missa (oração)

A missa é em honra do santo, e a oração é a que se segue.

> **Latim:** *Deus, qui populo tuo æternæ salutis beatum Anselmum ministrum tribuisti; præsta, quæsumus, ut quem doctorem vitæ habuimus in terris, intercessorem habere mereamur in cœlis. Per Dominum nostrum Jesum Christum.*

Português: Ó Deus, que fizestes do bem-aventurado Anselmo ministro da eterna salvação de vosso povo, concedei-nos, nós vos suplicamos, que mereçamos ter por intercessor no céu aquele que tivemos por mestre e por doutor na terra. Por nosso Senhor Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é do capítulo 4 da segunda do apóstolo São Paulo a Timóteo, e a mesma do dia 4 [^1].

2 Timóteo 4,1-8

> **Latim:** [1] Testificor coram Deo, et Jesu Christo, qui judicaturus est vivos et mortuos, per adventum ipsius, et regnum ejus : [2] prædica verbum, insta opportune, importune : argue, obsecra, increpa in omni patientia, et doctrina. [3] Erit enim tempus, cum sanam doctrinam non sustinebunt, sed ad sua desideria coacervabunt sibi magistros, prurientes auribus, [4] et a veritate quidem auditum avertent, ad fabulas autem convertentur. [5] Tu vero vigila, in omnibus labora, opus fac evangelistæ, ministerium tuum imple. Sobrius esto. [6] Ego enim jam delibor, et tempus resolutionis meæ instat. [7] Bonum certamen certavi, cursum consummavi, fidem servavi. [8] In reliquo reposita est mihi corona justitiæ, quam reddet mihi Dominus in illa die, justus judex : non solum autem mihi, sed et iis, qui diligunt adventum ejus. Festina ad me venire cito.

Português: [1] EU te esconjuro diante de Deos, e de Jesu Christo, que ha de julgar os vivos, e os mortos na sua vinda, e no seu reino: [2] que prégues a palavra, que instes a tempo, e fóra de tempo: que reprehendas, rogues, admoestes com toda a paciência, e doutrina. [3] Porque virá tempo, em que muitos homens não soffrerão a sã doutrina, mas tendo comichão nos ouvidos, accumularão para si mestres conforme aos seus desejos, [4] e assim apartarão os ouvidos da verdade, e os applicarão ás fabulas. [5] Tu porém vigia, trabalha em todas as cousas, faze a obra d'hum

evangelista, cumpre com o teu ministerio. Sê sobrio. [6] Porque quanto a mim, eu estou a ponto de ser sacrificado, e o tempo da minha morte se avizinha. [7] Eu pelejei huma boa peleja, acabei a minha carreira, guardei a fé. [8] Pelo mais me está reservada a coroa da justiça, que o Senhor justo juiz me dará naquelle dia: e não só a mim, senão tambem áquelles, que amão a sua vinda. Procura vir ter comigo com brevidade.

Nota

«Achando-se o apóstolo São Paulo, no ano 65 ou 66 do Senhor, em vésperas de acabar sua carreira e terminar seus trabalhos pelo martírio, escreveu esta carta a seu amado discípulo Timóteo, instando-o a que, sem perder tempo, fosse avistar-se com ele. Profetiza nela as diversas heresias que deviam turbar a Igreja e o exorta a que pregue o Evangelho apesar da oposição que havia de fazer o demônio, p...»[^2]

Reflexões

Virá tempo em que não poderão sofrer a sã doutrina. Venit enim tempus, cum sanam doctrinam non sustinebunt. Pergunto: não chegou já este desgraçado tempo? Que caso se faz hoje da doutrina de Jesus Cristo? Que respeito se professa a seus mandamentos? Que rendimento a sua vontade, que submissão às decisões da Igreja?

O espírito do mundo ergue-se hoje em tribunal supremo, ao qual pretende que devem estar sujeitas as mais sagradas máximas do Evangelho, as mais respeitáveis verdades da religião e até a doutrina do mesmo Jesus Cristo. Tudo se examina, tudo se proscreve, tudo se condena segundo o capricho, segundo as débeis ideias do entendimento humano. Pretende-se que um entendimento tão limitado que não pode penetrar as verdadeiras causas dos efeitos naturais mais comuns, que ignora o mesmo que palpa e vê, que não descobre a formação maravilhosa de uma formiga nem as propriedades da folhinha de uma árvore; pretende-se, digo, que este limitadíssimo entendimento, meio sepultado dentro da carne e escravo sempre das paixões no mundo, há de ser juiz supremo em matéria de dogma e de doutrina. Tudo o que não é conforme à extravagância de seu juízo e de suas inclinações reprova-se, e tudo o que é contrário ao erro dos sentidos proscreve-se. A paixão é sempre como o substituto ou lugar-tenente do entendimento em seus juízos sobre a moral: por aqui poderemos conhecer a retidão e a justiça de suas decisões. A fé segue ordinariamente a sorte da moral. Logo que a paixão se apodera do tribunal da religião e quer presidir nele, rompe os diques o erro e tudo inunda; então tudo é descaminho, tudo ilusão, tudo orgulho, tudo obstinação. Logo cega de todo o que nem vê nem quer ver senão com a luz meio apagada de seu próprio entendimento. Este é o destino dos que não podem tolerar a sã doutrina; nem os sentidos nem o amor-próprio se acomodam com ela: vencer-se, violentar-se, mortificar-se é uma doutrina incômoda, mas enfim esta é a doutrina sã, porque é a do Evangelho. Mas o amor-próprio busca outros mestres que o ensinem ao gosto de seus desejos.

Mil vezes se disse, e sempre será verdade o dizê-lo, que o entendimento é ordinariamente o joguete da vontade. De onde nasce senão esse espírito de erro e de partido? De onde essa obstinada eleição em seguir sendas singulares que desviam do caminho real? De onde o fogoso empenho em sustentar e em defender seus extravios? A moral do Evangelho, a doutrina sã aperta demasiado, e o amor-próprio quer viver a suas anchuras. Pois que se faz para evitar os remorsos importunos e para acalmar uma consciência que assusta e desassossega? Parte-se a diferença: ao amor-próprio, ao coração e às paixões confirma-se-lhes em todos os seus direitos, e ao entendimento deixa-se-lhe tudo o que oprime, tudo o que espanta e até tudo o que desespera. Daqui provém que pessoas, por outra parte, de costumes estragadíssimos, e cuja vida é uma dissolução, têm uns princípios de moral sumamente estreitos, uns dogmas excessivamente severos. Não há herege, e de ordinário há poucos libertinos, que não façam estas partilhas. Quando a verdade turba nossa delicadeza, quando assusta a consciência, quando declara guerra à paixão, *a veritate auditum avertent:* volta-se a cabeça para o outro lado ou tapam-se os ouvidos para não escutar o que diz. Mas que se adianta com este grosseiro artifício? Descaminhar-se sem remorso e perder-se com segurança.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 5 de São Mateus, e o mesmo do dia 4 [^3].

Mateus 5,13-19

> **Latim:** 13 Vos estis sal terræ. Quod si sal evanuerit, in quo salietur ? ad nihilum valet ultra, nisi ut mittatur foras, et conculcetur ab hominibus. 14 Vos estis lux mundi. Non potest civitas abscondi supra montem posita, 15 neque accendunt lucernam, et ponunt eam sub modio, sed super candelabrum, ut luceat omnibus qui in domo sunt. 16 Sic luceat lux vestra coram hominibus : ut videant opera vestra bona, et glorificent Patrem vestrum, qui in cælis est. 17 Nolite putare quoniam veni solvere legem aut prophetas : non veni solvere, sed adimplere. 18 Amen quippe dico vobis, donec transeat cælum et terra, jota unum aut unus apex non præteribit a lege, donec omnia fiant. 19 Qui ergo solverit unum de mandatis istis minimis, et docuerit sic homines, minimus vocabitur in regno cælorum : qui autem fecerit et docuerit, hic magnus vocabitur in regno cælorum.

Português: 13 Vós sois o sal da terra. E se o sal perder a sua força, com que outra cousa se ha de salgar? para nenhuma cousa mais fica servindo, senão para se lançar fóra, e ser pisado dos homens. 14 Vós sois a luz do mundo. Não póde esconder-se huma cidade, que está situada sobre hum monte. 15 Nem os que accendem huma luzerna, a mettem debaixo do alqueire, mas põe-a sobre o candieiro, a fim de que ella dé luz a todos os que estão na casa. 16 Assim luza a vossa luz

diante dos homens: que elles vejão as vossas boas obras, e glorifiquem a vosso Pai, que está nos ceos. [17] Não julgueis que vim destruir a lei, ou os profetas: não vim a destruïlos, mas sim a dar-lhes cumpri mento. [18] Porque em verdade vos affirmo, que em quanto não passar o ceo e a terra, não passará da lei hum só i, ou hum til, sem que tudo seja cumprido. [19] Aquelle pois, que quebrar hum d'estes mínimos mandamentos, e que ensinar assim aos homens, será chamado mui pequeno no reino dos ceos: mas o que os guardar, e ensinar a guardallos, esse será reputado grande no reino dos ceos.

Meditação

Da conversão verdadeira

Primeiro ponto

Considera que não há coisa mais ordinária que conversões aparentes, e talvez tampouco a há mais rara que uma conversão verdadeira. Grande prova são desta verdade as frequentes recaídas. Conhece um que é pecador, confessa sua iniquidade, acusa-se de suas culpas; mas detesta intimamente seus pecados? O espírito está humilhado; mas está igualmente contrito o coração?

Se consistisse a verdadeira conversão em declarar suas maldades, em reconhecer seus desacertos e em sentir alguma displicência, alguma dor de suas faltas, muitos estariam convertidos que, em meio de tudo isto, morrem impenitentes. Judas reconheceu e confessou seu pecado, Antíoco chorou os seus; e nem um nem outro se converteram. A maior parte se confessa nas principais festas; mas quantos se convertem nelas?

É necessária a conversão do espírito, é indispensável a conversão do coração; sem isto não há conversão verdadeira. É mister mudar totalmente de ideias, de princípios e de motivos. Achavas antes razões de equidade, de necessidade, de congruência para esses contratos usurários, para essa vida pouco cristã, para essas frívolas dispensações; se te converteste de veras, já é preciso pensar todo o contrário. Pareciam-te difíceis e até impraticáveis os mandamentos da lei de Deus; não consultavas senão a tua paixão, a tua inclinação, o teu amor-próprio. Estás verdadeiramente convertido? Pois se desfizeram esses encantos, e esses atrativos se desvaneceram. Já não só te parece possível, mas justa, doce, fácil a santa lei de Deus; já não segues tua inclinação; o Evangelho é a única regra de tua vida; já te parecem falsos e aparentes os brilhos do mundo, seus prazeres amargos, suas diversões insulsas, seus afagos insípidos; já apenas acertas a conceber como um homem de razão pode ser libertino, como um coração criado para o verdadeiro bem pode achar gosto no que é veneno e peçonha; já sentes uma espécie de indignação contra tua própria necedade. É possível que, sendo eu cristão, haja podido ser vicioso? É possível que, crendo umas verdades tão terríveis como as que creio, haja podido viver tão descaminhado? É possível que, experimentando em mim mesmo a vaidade, o nada e até a amargura destes falsos deleites, haja feito deles meu ídolo? Estes são os ordinários efeitos de uma verdadeira conversão: tem a minha

estes sinais?

Segundo ponto

Considera que, ainda que a verdadeira conversão esteja principalmente no coração e no espírito, nem por isso deixa de ser muito visível. O ar, os modos, a conduta, o traje, as conversações, tudo grita que o coração está verdadeiramente convertido. Os objetos são os mesmos, mas não fazem a mesma impressão; pode ser que se encontrem os mesmos estorvos, as mesmas dificuldades; mas sente-se novo vigor, novo alento. O mundo apresenta suas rosas, mas tratam-se como se fossem espinhos; e, como já não se discorre senão pelos princípios do cristianismo, tampouco se fala senão segundo as máximas e as verdades da religião.

É de admirar que se padeçam tantas equivocações em matéria de conversão, sendo assim que não há coisa mais visível que os sinais que a caracterizam. Não só se tem horror ao pecado; tem-se pelo menos outro tanto às ocasiões de pecar. Não só se foge da culpa, mas do lugar e da pessoa que serviu de tentação. Não só se desterra o jogador do jogo, mas até da casa onde se joga; porque, desenganemo-nos, o que só se converte pela metade não está verdadeiramente convertido.

Queres ver um perfeito retrato de uma verdadeira conversão? Pois põe os olhos na Madalena: ela detesta suas culpas e, como o motivo de sua dor é o amor de seu Deus, não guarda medidas; e assim se lhe perdoam todos os seus pecados, porque amou muito. Não se havia envergonhado de ser pecadora; mas envergonha-se muito menos de parecer arrependida. Arroja-se aos pés do Salvador na mesma sala do convite; não busca a escuridão, antes quer que entenda todo o mundo que já está convertida. É grande sua confusão, mas é muito maior sua resolução e seu alento. E depois deste passo, que vida foi a sua! Que perseverança nela!

Já não se aparta mais do lado de Jesus Cristo; olha com horror o mundo e deseja que o mundo a olhe com horror a ela. Sua devoção não está pendente da prosperidade, seu fervor é inalterável; segue o Salvador não só até o Calvário, mas até o sepulcro; tanto excitam seu amor as ignomínias que Cristo padece como os milagres que faz. Que desejo, que ardor, que ânsia por furtar, se pudesse, o corpo de seu divino Mestre depois de sepultado! Nem a enorme e pesada pedra do sepulcro, nem o selo do príncipe, nem a companhia dos soldados que o guardavam são capazes de entibiar seu fervor nem de desalentar seu ânimo. Assim pensa, assim obra, assim se mostra sempre uma alma verdadeiramente convertida. Concluamos daqui que há poucas conversões verdadeiras, e julguemos também isto mesmo pela pouca perseverança.

Relaxa-se Santo Anselmo e cai na desordem; suas quedas não são extraordinárias: mas, uma vez que conhece sua perdição com o auxílio da divina graça, que arrependimento, que mudança, que firmeza! Converteu-se uma vez de veras e jamais se desmentiu. Meu Deus, que devo eu pensar de meus frívolos arrependimentos, de meus inconstantes propósitos, de meus ineficazes desejos!

Não permitais, Senhor, que suceda o mesmo com esta minha presente conversão; detesto meus pecados, sinto um verdadeiro desejo de converter-me e de mudar de vida. Mas de que me servirão

estes propósitos se não são eficazes? Fazei que o sejam com vossa graça e que seja este o primeiro dia de minha perfeita conversão.

Jaculatórias

> *Confirma hoc, Deus, quod operatus es in nobis.* Sl 67.

Confirmai, Senhor, e fazei eficazes os desejos que vós mesmo me inspirastes.

> *Redde mihi lætitiam salutaris tui: et spiritu principali confirma me.* Sl 50.

Restituí-me, Senhor, aquele espírito de alegria que deve ser o penhor de minhas pazes convosco; mas dai-me ao mesmo tempo o espírito principal da firmeza e da perseverança.

Propósitos

1. Posto que a conversão não é outra coisa que um voltar-se a alma a Deus, é de estranhar que haja tão poucas conversões sinceras. A quem se pretenderá enganar com essas ressurreições aparentes, e que fruto se tirará dessas ninharias? Se a conversão é verdadeira, como não é constante? E, se o propósito é falso, que será a penitência? Tantas confissões sem emenda não podem tranquilizar nossa consciência; mas estará mais tranquila quando se prossegue pecando sem confessar-se? Não dilates um ponto o pôr remédio a este inesgotável manancial de remorsos. Seja tua confissão nesta Páscoa efeito de uma conversão verdadeira, e para isto faze que tenha todos os sinais. Detestas teus pecados; mas olha com horror todas as ocasiões de pecar. É ilusão imaginar possível uma vontade séria de não pecar sem uma resolvida determinação de romper toda comunicação com o cúmplice. Estás resolvido a levar uma vida cristã? Pois começa desde hoje a moderar esses excessos nas galas, essa refinada delicadeza, esses aparatos de profanidade; começa proibindo-te essa frequente assistência ao jogo, esses cortejos em que se gasta o tempo em algo mais que em coisas inúteis, essa vida regalona, esses dias ociosos e vazios. Sem reforma não há conversão; por aquela se conhece esta. Esse ar, esses modos, essa fantasia, toda essa conduta não corresponde à santidade de teu estado. Não passe o dia de hoje sem que dês sinais visíveis de tua conversão verdadeira. Começa pela observância dessas regras que quebrantas sem remorso; por desfazer-te desse espírito de propriedade e de própria vontade, que algum dia te farão gemer se não te reformas desde logo; não contes muito com essas licenças vagas e gerais, com essas dispensações abusivas, com esses estilos pouco religiosos, que na hora da morte sobressaltam justamente a consciência; começa hoje a viver como quisesses morrer: esta é a

resolução mais importante.

2. A contrição é interior; mas a conversão deve ser visível. Jesus Cristo ressuscitou, dizia o anjo às mulheres que o iam buscar no sepulcro; já não está aqui: *Surrexit, non est hic.* Este é o verdadeiro modelo de uma alma verdadeiramente convertida. Deplora já as desordens de tua vida passada, tua conduta pouco regular, tuas frequentes recaídas, tua vida regalona, inútil, entretida; pois faze que depois desta Páscoa se possa dizer com verdade: Fulano ressuscitou: *Surrexit;* e assim não há já que buscá-lo nessas concorrências do mundo, nessas ocasiões próximas, nesses costumes de pecar, porque *non est hic,* já não está aqui; em nada disto se o encontra: não se o acha nessas diversões pouco inocentes, nem assiste a essas tertúlias perigosas; sua frequente assistência à igreja, seu respeito e sua devoção no templo e aquela moderação, aquela aprazibilidade no trato, aquela circunspeção são visíveis provas de sua perfeita ressurreição. E por que não poderás tu lograr desde hoje o doce consolo de notar em ti mesmo estas provas? Talvez será esta a derradeira Páscoa para ti. Que loucura é dilatar para o ano que vem, que para muitos não virá, uma conversão que ainda agora é talvez já demasiado tardia! Prostrado, pois, diante de um crucifixo, dize a Deus resolutamente ou que não queres converter-te jamais, ou que com o socorro de sua graça queres fazê-lo desde este mesmo momento.

[^1]: O original remete à «pág. 116» da edição consultada; no presente volume, o texto da epístola encontra-se reproduzido abaixo, conforme o dia 4. [^2]: A nota está truncada no original digitalizado (a frase termina em «p»); traduziu-se apenas o que é legível. [^3]: O original remete à «pág. 119»; o evangelho é Mt 5,13-19, reproduzido abaixo conforme o dia 4.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:47:21 by Admin
Updated 20 November 2026 20:47:21 by Admin